

Índice

O melhor argumento pró-vida: ajudar a grávida	1
“Não deixar para trás uma mulher que pensa abortar”	3

O melhor argumento pró-vida: ajudar a grávida

Irene tem 25 anos e uma filha de 11 meses. Hoje a jovem sorri, mas há pouco mais de um ano não tinha muita vontade de fazê-lo: tinha acabado de chegar a Espanha vinda do Peru com visto de turista, juntamente com o seu noivo, e ambos decidiram ficar. À distância, tinham-lhes apresentado um retrato de um atrativo panorama onde seria fácil encontrar um emprego, assentar e levar a vida para a frente. Mas eram apenas dados muito vagos.

Vender latas de cerveja nas imediações de um clube de futebol não era precisamente o que havia idealizado, mas havia dívidas a pagar. O seu noivo encontrou trabalho na construção civil, embora apenas desse para o sustento do dia a dia. Felizmente, ele tinha família em Madrid e, pelo menos, podiam partilhar um teto, mas a economia não corria bem. “A única coisa que possuía era apenas um lugar onde dormir”.

E então ficou grávida.

“Se me perguntasse há uns anos, dizia-lhe que não podia ter a minha filha, porque para mim era um impedimento: eu queria estudar, e é o que fazia nessa altura. Uma filha tirar-me-ia o tempo. Por isso, dizia às minhas amigas que não levaria até ao fim a gravidez. Devido à minha juventude, por sentir que iria atrasar a minha vida, por muitas coisas”.

Aperceber-se da situação do aborto em Espanha funcionou como outra mola na má direção: “Quando estava grávida há um mês e alguns dias, informaram-me que o aborto era legal,

e isso passou pela minha cabeça. ‘Porque não fazê-lo?’, disse para comigo mesma. Ao fim e ao cabo fá-lo-ia com um médico, não seria eu própria em casa”. O seu noivo não gostava da ideia, mas a argumentação de Irene foi aquela que o *mainstream* repete em casos assim: “Disse-lhe que eu decidia, que era o meu corpo”. Muito menos a sua família no Peru estava contente: queriam que regressasse.

Foi aí que algo ficou claro entre as nuvens. “Uma amiga indicou-me a Fundación RedMadre, e entrei na respetiva página *web* para ver do que se tratava. Ela disse-me: ‘Contacta-os, porque vão-te ajudar’. Vi que o faziam, que contavam com profissionais, com psicólogos... Quis falar com um para ver o que me dizia e que ajuda me podiam oferecer. Liguei para lá, marcaram-me um encontro e atenderam-me”.

Salvar a vida; as duas vidas

A RedMadre pode ser, para muitas mulheres que se encontram em circunstâncias extremas e se sentem empurradas para se submeterem a um aborto, a última fronteira. Perante a hegemonia de certo discurso “feminista” que não oferece outra resposta à grávida a não ser enviá-la para uma sala de operações de modo a “acabar com o problema”, esta fundação apresenta uma saída mais positiva.

Os seus voluntários informam as grávidas sobre as ajudas públicas e privadas às quais podem aceder tendo em conta a sua condição, e que se traduz em assistência médica, psicológica e jurídica gratuitas; alojamento nos casos em que dele necessitem, apoio para encontrar um emprego e um sítio

onde, nas horas de trabalho, a mulher possa deixar o filho; donativos materiais, cursos de formação para a maternidade... Do que se trata é de levar a vida em frente. Duas vidas, mais exatamente.

Falámos com Amaya Azcona, diretora-geral da [RedMadre](#):

— *Quantas grávidas em situação de vulnerabilidade atendeu a fundação?*

— Em 2017, atendemos 18 000 mulheres, nem todas em risco direto de aborto. Consideramos que se a uma mulher grávida lhe dermos uma informação correta sobre aquilo de que necessita, podemos evitar que outras pessoas a conduzam ao aborto. Das que atendemos, 9 em cada 10 continuam com a sua gravidez. Temos um sucesso elevado, porque são mulheres que vêm ter connosco livremente, procurando a ajuda da RedMadre.

— *Qual é a mensagem positiva para elas, o principal argumento?*

— Poderíamos fazer a abordagem de modo inverso: porque vem uma mulher grávida ter com a RedMadre. Nós escutamos qual é o seu problema, a conjuntura, as pressões que está a receber e que lhe podem causar dúvidas para continuar a sua gravidez, ou se alguém a quer empurrar para abortar. Em função da situação concreta, intervimos nos diferentes aspetos.

Uma causa que leva uma mulher a pedir ajuda à RedMadre é porque recebe pressões emocionais muito fortes do seu parceiro, do pai do filho que espera, que subtil ou não tão subtilmente a induz a abortar, ou caso contrário, termina a relação. Há que ajudar esta mulher, ver que dependência emocional tem do parceiro, se sofre violência física, se tem outro lugar onde viver. Não é tanto de argumentos, mas de ver a situação concreta de cada mulher, e intervir e ajudá-la a ver sempre a possibilidade de continuar para a frente.

A adoção, só em casos extremos

— *Que acompanhamento ou apoio concreto recebem as grávidas?*

— Aquele de que cada mulher necessite. É muito diferente o caso de uma que vive com o seu parceiro e o da que vive com a família. Neste último caso, é mais fácil ajudá-la a que se desvincule dessa pressão emocional. Aí entraria uma psicóloga, com um acompanhamento importante, para que a mulher, devido à dependência emocional, à paixão, ao afeto, não decida abortar sem o querer, por pensar que assim manterá a sua ligação com o parceiro. Esse é um caso muito generalizado em Espanha: a dúvida entre dois 'amores': o do

filho e o do pai do filho. Nessa altura, nós ajudamos a que veja a importância do filho, e que uma pessoa que lhe faz essa chantagem não goste dela.

Outra situação é a pressão da família. Nas grávidas de 16 a 25 anos, especialmente a mãe exerce uma pressão grande sobre a grávida para que não continue a gravidez. Aí nós vemos se o pai do concebido é favorável à gravidez. Procuramos onde tem apoio a mulher, onde pode procurar um caminho com pessoas que a ajudem a continuar. Se a família não o fizer, mas o parceiro sim, é bastante simples que a mulher continue.

Também existem as pressões laborais. Nós informamos as grávidas que, em Espanha, um empregador não pode despedir uma mulher por se encontrar grávida. Ou seja, oferecemos a elas informação jurídica, mediação familiar, apoio psicológico.

— *Falam-lhes igualmente da possibilidade da adoção? Quantas aderem a isso?*

— Esse é um tema de que se fala muito, mas em Espanha não existe a cultura de dar os filhos para adoção. Além disso, muito menos pensamos que seja o caminho ideal para uma mãe. Uma grávida deve criar o seu filho, e este deve ser criado com a sua mãe. Se se incluir o pai, a situação passa a ser 'ótima'. Procuramos que se solucionem os obstáculos para continuar com a maternidade e viver com o seu filho, e lutamos com ela para que isso seja possível.

Ora, há circunstâncias extremas, de uma grave dependência, uma doença mental ou uma violação, em que por vezes a mãe não pode criá-lo. Nesse caso, não é que o aconselhamos: oferecemos a possibilidade da adoção, e se a mulher assim o decidir, entram em ação diversos mecanismos nas Comunidades Autónomas, com os hospitais. Mas a adoção seria um último remédio.

Tratar o trauma do aborto

— *No caso daquelas que, ao serem auxiliadas pela RedMadre, mudam de opinião e não abortam, como reagem, uma vez convertidas em mães, quando regressam à sua decisão inicial?*

— As coisas não são a preto e branco. A mulher que vem ter connosco, no início da gravidez, pode ter dúvidas. Tem medo, angústia pelo futuro. E quando toma a decisão de prosseguir, e tem a criança, costuma experimentar um tipo de ansiedade por ter pensado na possibilidade do aborto, e uma certa dor, amargura.

Também nisto a ajudamos, pois na realidade o que fez foi continuar e ter o seu filho. Trabalhamos para que esqueça aquele momento de dúvida, pois tomou a opção correta: dá-lo à luz. Procuramos aliviar-lhe essa carga de culpa que fica com algumas delas.

— *Que pode dizer às que, no entanto, abortaram?*

— Na prática, o que fazemos é receber essas mulheres, que vêm com um grande sofrimento, porque a ferida é grande, e trabalhar com elas. Temos psicólogos e pessoas formadas para as ajudar nesse trauma que é o aborto. O positivo é que no caso de voltarem a engravidar, possam ver que a maternidade é um bem, não um mal. Que é difícil serem mães em determinados momentos, devido às circunstâncias, mas a longo prazo é sempre um bem para elas. Que o filho não é um inimigo, mas que será sempre um companheiro.

Muitas têm vindo a sentir que as enganaram: disseram-lhes que abortar era muito fácil, mas a seguir percebem em si uma ferida muito profunda, que as ajudamos a superar. Uma mulher que abortou é vítima de uma sociedade que a empurra para isso, como se fosse uma solução simples.

O bem multiplica-se

Falar. Irene precisava de falar, descarregar a pressão que constitui para uma grávida estar em apuros económicos, num país estranho, e longe de sua mãe, desse regaço último no qual todo o ser humano sabe que se pode refugiar. Uma psicóloga da RedMadre, Belén García-Collantes, deu-lhe o seu ombro.

“Nessa altura ela também estava grávida” – conta a jovem peruana –, “e disse-me coisas que me deixaram a pensar: fez-me ver que podia ter a criança; que embora não tivesse experiência como mãe, tê-la-ia rapidamente. Que ninguém nasce a saber ser mãe, mas que o iria aprender. E é assim: ainda continuo a aprender a sê-lo. Agradeço-lhe imenso”.

De cada vez que passa pela fundação, a jovem mãe recolhe artigos necessários para a criação da sua bebé: leite, fraldas, roupa, brinquedos. Além disso, frequentou lá um curso sobre os cuidados a ter com a recém-nascida, e como efeito multiplicador do apoio que recebeu na instituição, levou consigo duas amigas.

Que pensa hoje da decisão inicial de abortar? Prefere não fazer juízos: tinha muito medo na altura, e aquilo que encontrou no final do caminho que acabou por encetar, a sua bebé, ofusca qualquer pensamento triste.

“Foi a melhor decisão que tomei na minha vida. Hoje, a minha filha tem 11 meses, já vai caminhando. Desde que nasceu, foi

algo único. Era totalmente diferente de tudo aquilo que eu havia vivido até esse momento. É óbvio: não sabia muitas coisas. Tinha a minha mãe longe, e era tudo algo complicado. Mas não há problema. Ajudaram-me, e também a família do meu parceiro”.

Às mulheres que estejam na mesma encruzilhada, um conselho: “A única coisa que têm que esperar é o momento em que vão dar à luz e terem nos braços o bebé. É o instante mais maravilhoso. Ver a nossa filha tão pequenina... [emociona-se]. Sei que muitas pessoas têm problemas, porque eu também passei por isso. Mas fiz aquilo que estava certo. Eu, que em determinado momento pensei em muitas coisas, atualmente estou com a minha menina. E chegar do trabalho e vê-la é... maravilhoso! É algo muito bonito. Não o trocava por nada”.

L. L.

“Não deixar para trás uma mulher que pensa abortar”

Uma jovem belga, comprometida ativista em defesa da vida, conta dificuldades que esta causa encontra no seu país.

Constance du Bus é a porta-voz da Marcha pela Vida, uma iniciativa da sociedade civil na Bélgica que já tem 10 anos. Esta jovem estudante de Direito, de apenas 22 anos, pôde contactar num lar de idosos no Chile com a fragilidade da vida humana, e propôs-se ser a sua defensora num contexto bastante desesperador: a sociedade belga, onde se efetua um aborto de 40 em 40 minutos e onde, por haver a primazia da “liberdade de escolha” como valor absoluto, até os menores de idade podem pedir a eutanásia.

Os valores que Constance e o seu movimento promovem são, pelo contrário, bastante mais sólidos, pois, como assegurou a “L’Homme Nouveau” nos dias que antecederam a realização da décima edição da Marcha, “não procuramos variar a mensagem consoante os efeitos da moda”. Em conversa com a “Aceprensa”, referiu mais sobre o seu compromisso com estas ideias, e sobre o trabalho que se desenvolve para tornar consciente a sociedade.

— *Como se envolveu nesta iniciativa?*

— Desde o próprio começo da Marcha pela Vida em Bruxelas, no ano de 2010, senti-me muito feliz por fazer parte dessa multidão, juntamente com a minha família. Há três anos, um amigo convidou-me a juntar-me à equipa organizadora e,

muito rapidamente, pediram-me que representasse a Marcha perante os meios de comunicação social.

À medida que mais me envolvia no movimento, mais me dava conta da urgência de fazer ouvir uma voz favorável à vida na sociedade belga. Este novo papel levou-me a aprofundar os temas relacionados com isso, e descobri quão esperançosa é a mensagem que queremos dar, e quão sedentas estão as pessoas para ouvir este clamor pela vida e pela solidariedade.

O que a mulher necessita escutar

— *Porque é que, numa sociedade desenvolvida como a belga, com grande bem-estar, o aborto é visto como saída viável para as mulheres vulneráveis “resolverem problemas”?*

— Acho não haver contradição real entre o bem-estar da nossa sociedade e a persistência de uma alta taxa de abortos. A autonomia e a independência são conceitos centrais numa “sociedade desenvolvida”. O aborto é encarado, em primeiro lugar, como um direito das mulheres, embora as prejudique profundamente. Por detrás da ilusão da escolha autónoma, muitas vezes existe solidão, desespero, sofrimento...

Dizer a uma mulher que tem o “direito” a abortar e que essa é unicamente uma decisão “sua”, é pedir-lhe realmente que carregue com toda a responsabilidade por essa tragédia e lavar as mãos pelo que suceda em seguida. Temos de fugir dessa lógica do individualismo, em que a autonomia absoluta está a isolar pessoas de outras, cortando os nossos vínculos com outros seres humanos, e deixando as pessoas a sós com as suas dificuldades. Uma mulher que está a pensar em abortar é a última pessoa que se pode deixar para trás. Ela necessita escutar: “Estarei contigo; posso ajudar-te e ao teu filho”. E, evidentemente, fazemos um apelo aos pais dessas crianças, para que cumpram as suas responsabilidades.

— *Falou pessoalmente com mulheres dispostas a abortar? Que trabalho é necessário fazer para conseguir dissuadi-las?*

— Na Bélgica, é muito difícil falar com mulheres que queiram submeter-se a um aborto, porque a lei proíbe comparecer perante uma clínica de planeamento familiar e dirigir-se a elas. Pode ser considerado um delito. Mas realmente escutei várias que mudaram de opinião ao verem, em frente da clínica, pessoas dispostas a ajudá-las a manter o filho.

Certamente, não podemos dizer-lhes que o aborto é um crime ou coisas parecidas, mas evidentemente que elas precisam de ouvir que têm um bebé no seu ventre; que este precisa da sua hospitalidade e do seu amor, e que estamos por aqui para as ajudar a que possam dar-lhes isso. Percebemos que se trata de uma exigência para termos realmente preparação de modo

a darmos esse apoio. Não basta dizer que se é pró-vida, mas traduzi-lo em ações concretas.

“Maduros” para pedir a eutanásia

— *Outro tema é a eutanásia. Que pode levar uma pessoa a procurá-la? Conheceu casos de pessoas que tenham mudado de opinião, depois de conversarem convosco?*

— Mais uma vez, frequentemente trata-se de não deixar sozinhas as pessoas a lidar com os problemas da velhice, com o sofrimento; tem de se lhes mostrar quão importante e cheia de sentido é a sua própria vida. Sei de muitas pessoas que abandonaram o propósito de serem eutanasiadas, após a família lhes dizer quão eram queridas, e também após saberem que os cuidados paliativos podiam aliviar-lhes a sua dor.

Quase sempre surge um assunto: por detrás do pedido de eutanásia, há uma necessidade, e temos de dar um tempo para ouvir qual é. Meses atrás, por exemplo, um recluso ameaçou pedir a eutanásia se não fosse submetido a uma intervenção cirúrgica sem ter de ir para outra prisão. Pedir a eutanásia tem-se tornado mais frequente, devido à subjetividade inerente às condições da lei. Qual é a necessidade por trás do pedido? É nisto que temos de nos centrar, e assegurarmos que as alternativas são conhecidas e estão disponíveis.

— *Também está aí a eutanásia infantil. Como se apercebe a sociedade deste fenómeno? Existe no terreno alguma iniciativa para a combater?*

— Desde 2014, os menores que têm “capacidade de apreciação” e cuja doença lhes causa um sofrimento “insuportável, que não se pode aliviar nem tem cura”, podem solicitar eutanásia. Três crianças receberam-na desde então. A lei deixa muitas pontas soltas, por exemplo, a questão de como assegurar a “capacidade de apreciação” de um menor. Como estar certo de que é a sua vontade real, e não consequência de um sentimento de carga para a sua família? Como é possível deixar que uma criança decida sobre a sua vida e a sua morte, quando a lei lhes proíbe comprar um automóvel ou fugir de casa? Penso que se pode fazer muito em campanhas de informação sobre os cuidados paliativos pediátricos e de apoio às famílias atingidas por uma grave doença dos seus filhos.

A lei de 2014 foi aprovada a toda a pressa. Quase 200 pediatras e médicos dos cuidados paliativos assinaram uma carta aberta antes da votação, para procurar travar o projeto, mas isso não conseguiu deter o Parlamento. O European Institute for Bioethics tem um interessante estudo sobre o tema.

L. L.